

---

**IMPACTOS DE ENTRAVES E PULSOS DE  
DESENVOLVIMENTO SOCIAL E ECONÔMICO NO ESPAÇO  
GEOGRÁFICO DE CACHOEIRA DO SUL/RS**

**IMPACTS OF OBSTACLES AND PULSES OF SOCIAL AND  
ECONOMIC DEVELOPMENT IN THE GEOGRAPHIC SPACE OF  
CACHOEIRA DO SUL/RS**

**IMPACTOS DE OBSTACULOS Y PULSOS DE DESARROLLO  
SOCIAL Y ECONÓMICO EN EL ESPACIO GEOGRÁFICO DE  
CACHOEIRA DEL SUR/RS**

**Henrique Rudolfo Hettwer<sup>1</sup>**

henriquehettwer@gmail.com

**Eduardo Schiavone Cardoso<sup>2</sup>**

educard@smail.ufsm.br

**RESUMO:** Este artigo sintetiza algumas discussões produzidas pelo autor e pelo orientador durante o curso de mestrado em Geografia na Universidade Federal de Santa Maria. Demonstra a dialética concepção do desenvolvimento social e econômico no espaço geográfico de Cachoeira do Sul, na perspectiva local-global, como resultado de múltiplas determinações. Reflete as dificuldades de desenvolvimento no contexto neoliberal, apresentando os impactos disso através de indicadores sociais e econômicos. Comparado com outros municípios, de outras matrizes e fundamentos econômicos, distintos da produção de commodities, Cachoeira do Sul apresenta contrastantes resultados, inferiores na expressão da geração de empregos, distribuição de renda e da terra. Por outro lado, buscam afirmar-se no município outros projetos sociais e econômicos de geração de emprego e renda.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento. Neoliberalismo. Cidadania.

---

<sup>1</sup> Vinculado a Universidade Federal de Santa Maria, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-0353-4588>.

<sup>2</sup> Professor doutor do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Santa Maria, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-9240-578X>.

**ABSTRACT:** This article summarises some discussions produced by the author and the advisor during the master's course in Geography at the Federal University of Santa Maria. It demonstrates the dialectic conception of social and economic development in the geographic space of Cachoeira do Sul, in the local-global perspective, as a result of multiple determinations. It reflects the difficulties of development in the neoliberal context, presenting the impacts of this through social and economic indicators. Compared to other municipalities, other matrices and economic fundamentals, distinct from commodity production, Cachoeira do Sul presents contrasting results, lower in the expression of employment generation, income distribution and land. On the other hand, they seek to affirm in the municipality other social and economic projects of generation of employment and income.

**Keywords:** Development. Neoliberalism. Citizenship.

**RESUMEN:** Este artículo sintetiza algunas discusiones producidas por el autor y el orientador durante el curso de maestría en Geografía en la Universidad Federal de Santa María. Demuestra la dialéctica concepción del desarrollo social y económico en el espacio geográfico de Cachoeira del Sur, en la perspectiva local-global, como resultado de múltiples determinaciones. Refleja las dificultades de desarrollo en el contexto neoliberal, presentando los impactos de ello a través de indicadores sociales y económicos. En comparación con otros municipios, de otras matrices y fundamentos económicos, distintos de la producción de commodities, Cachoeira del Sur presenta contrastantes resultados, inferiores en la expresión de la generación de empleos, distribución de renta y de la tierra. Por otro lado, buscan afirmarse en el municipio otros proyectos sociales y económicos de generación de empleo y renta.

**Palabras clave:** Desarrollo. Neoliberalismo. La ciudadanía.

## INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta alguns dos aspectos tratados na dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSM, orientada pelo coautor do mesmo. O estudo que se apresenta baseia-se na busca da percepção da angústia de multidões de pessoas, despossuídas e segregadas, aflitas por um melhor destino, de parte significativa dos municípios gaúchos e brasileiros. É a análise científica dos dados sociais e econômicos para explicar causas, efeitos e alternativas ao desenvolvimento de Cachoeira do Sul, realidade de outros tantos municípios, sem jamais desconsiderar a totalidade e suas imposições neste embate, na dinâmica espaço-tempo.

Sendo o conteúdo do espaço o mesmo da sociedade: a luta de classes, conforme Moreira (1994), o objeto central deste trabalho é a análise do desenvolvimento social e econômico do espaço geográfico de Cachoeira do Sul, na dinâmica espaço-tempo.

Concentra-se no século XX e início do século XXI, refletindo sobre algumas transformações ocorridas nos últimos 50 anos, percebendo os impactos sociais do modelo econômico vigente no município, em comparação com outras realidades na Mesorregião Centro Oriental Rio-grandense e no estado do Rio Grande do Sul, num contexto conjuntural de vigência de vertentes diferenciadas de desenvolvimento.

Em 1940, a população de Cachoeira do Sul era de 83.729 pessoas, sendo o 38º município mais populoso do Brasil. O Brasil apresentava a população de 94.508.583 pessoas em 1970. Passados 40 anos, a população brasileira quase que exatamente duplicou, passando para 190.755.799 habitantes em 2010 (IBGE). Por outro lado, o município de Cachoeira do Sul, em 1970, tinha 94.261 habitantes e, em 2010, a população decresceu para 83.827 pessoas, com estimativa de maior diminuição para 82.547 habitantes em 2018. Se fosse empregada a mesma proporção de crescimento nacional, o município teria, em 2010, aproximadamente 189.000 habitantes.

O que provocara tamanha retração populacional no espaço geográfico de Cachoeira do Sul? O que teria abalado a população? Sendo as taxas de fecundidade assemelhadas ao restante dos municípios brasileiros, quais seriam então os motivos de tamanho êxodo? Este estudo parte de um testemunho pessoal em busca de melhores oportunidades, juntamente com dezenas de amigos e conhecidos, que dispersaram-se pelo país no início da década de 1990. As respostas a essa questão são diversas, mas algumas reflexões e análises que subsidiam a hipótese instigaram o aprofundamento dessa inquietude. A partir dessa inquietação foram realizadas outras análises que vão apresentando contradições e insuficiências no modo de ocupação do espaço geográfico, à luz de um contexto histórico e conjuntural. Estudos preliminares demonstraram que havia uma estranha realidade socioeconômica no município, percebida através de decrescentes índices demográficos, concentração fundiária, crescente desemprego industrial, PIB (Produto Interno Bruto) per capita reduzido, elevadas taxas de desocupação da população economicamente ativa (PEA), dentre outros aspectos abordados posteriormente, que justificaram amplamente a relevância deste estudo.

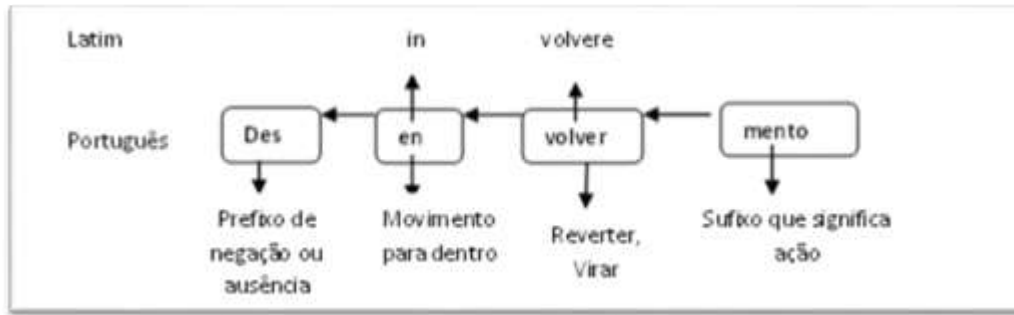
Assim, o objetivo central foi analisar o desenvolvimento do espaço geográfico de Cachoeira do Sul-RS, nas últimas cinco décadas, e as concepções políticas e ideológicas hegemônicas no contexto histórico e conjuntural. Especificamente, objetivou-se analisar a diversidade conceitual do desenvolvimento, bem como seus antagonismos, no espaço-

tempo e na região; contextualizar o desenvolvimento econômico e social de Cachoeira do Sul no espaço-tempo diante da dinâmica das conjunturas nacional e regional e sua relação local-global, especialmente nas últimas cinco décadas; caracterizar o espaço geográfico de Cachoeira do Sul através de sua historicidade e indicadores de desenvolvimento: populacionais, sociais e econômicos, contextualizando-os e contraditando-os com outras localidades na Mesorregião Centro Oriental Rio-grandense e os municípios de Bento Gonçalves e Caxias do Sul, descortinando entraves para um desenvolvimento de cidadania plena; identificar as matrizes econômicas que hegemonizaram a ocupação do espaço geográfico de Cachoeira do Sul nas últimas cinco décadas demonstrando a assimilação e suas contradições, questionando a eficácia do modelo político e econômico de desenvolvimento vigente e as políticas públicas decorrentes dele, para propor uma reflexão acerca de alternativas de desenvolvimento ao município.

### **CONCEPÇÕES DE DESENVOLVIMENTO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO**

A reflexão sobre o conceito de desenvolvimento, em linhas gerais, confunde-se com a historicidade da espécie humana. Desde as sociedades primitivas à civilização contemporânea, o conceito foi delineado e delineou o comportamento humano, travestindo-se de variadas maneiras de acordo com suas ideologias matrizes. Na análise etimológica (Figura 1), é possível perceber que, com a junção dos elementos que compõem a palavra desenvolvimento, forma-se algo que poderia ser expresso como: “sem movimento para reverter a ação” ou ainda “sem envolvimento”. É autenticamente uma expressão repleta de significado dialético. Isso remete a uma reflexão de que é preciso algo para gerar o movimento e/ou envolvimento. Entretanto, o que seria esse algo? Para qual direção o movimento se conduz? Envolver para quê? As respostas para essas questões dependem do contexto no qual se aplica a palavra. No caso do contexto da palavra desenvolvimento é preciso retomar a história.

**Figura 1: Etimologia da palavra desenvolvimento**



Fonte: DENIZ, 2006, p. 33.

O trabalho é que desenvolve a sociedade e, por extensão, suas condições materiais de existência, desde os primórdios. Para Marx e Engels (1986), do trabalho produtivo baseado nos laços de parentesco, desenvolveram-se a propriedade privada e as trocas, as diferenças de riqueza e a possibilidade de empregar a força de trabalho, gerando com isso a luta de classes. Segundo Caiden e Caravantes (1985), a história reflete esta discussão, pois desde a Antiguidade até o limiar da Idade Moderna, o conceito de desenvolvimento esteve circunscrito num forte cunho antropológico e teológico: durante a maior parte deste período o conceito traduzia um processo de revelação gradual, semelhante ao broto de uma flor que desabrocha aos poucos, o desenrolar de algo envolto, algo presente, mas ainda encoberto.

A teoria liberal de Adam Smith(1937) defendia que a “mão invisível” do mercado proporcionaria a forma mais rápida de uma nação alcançar o progresso e o crescimento econômico, e que o maior obstáculo a esse progresso econômico seria o intervencionismo do Estado na economia. Ou seja, para Adam Smith, se o mercado fosse deixado em paz pelos governos ele se manteria sempre em equilíbrio. Ao Estado caberiam apenas três funções: o estabelecimento e a manutenção da justiça; a defesa nacional; a criação e a manutenção de certas obras e instituições públicas, as quais não fossem de interesse privado.

O economista alemão Friedrich List (1885), considerado o pai do argumento da indústria nascente, descreveu a impossibilidade de países de desenvolvimento desigual desenvolverem suas indústrias, numa concorrência mundial com a Inglaterra, sem a intervenção do Estado, por meio de protecionismo. Contesta a ideia de suposto desenvolvimento liberal de Adam Smith. Para ele, o liberalismo desprezava o Estado quando lhe convinha e se cercava dele a toda a necessidade, como uma extensão do

interesse de particulares, ideologia praticada no seio estatal de algumas nações influenciadas por esta concepção. Quando almejam a conquista, os liberais comportam-se de uma maneira e, quando a alcançam, alteram o discurso às demais nações pressionando-as a agirem diferentemente, exercendo sobre elas o domínio coercitivo diverso. **Chutam a escada que os levaram ao topo.**

É um expediente muito comum e inteligente de quem chegou ao topo da magnitude chutar a escada pela qual subiu a fim de impedir os outros de fazerem o mesmo. Não é outro o segredo da doutrina cosmopolita de Adam Smith e das tendências cosmopolitas de seu grande contemporâneo William Pitt, assim como de todos os seus sucessores no governo britânico. Qualquer nação que, valendo-se de taxas protecionistas e restrições à navegação, tiver levado sua capacidade industrial e sua navegação a um grau de desenvolvimento que impeça as outras de concorrerem livremente com ela não pode fazer coisa mais sábia do que chutar a escada pela qual ascendeu à grandeza, pregar os benefícios do livre-comércio e declarar, em tom penitente, que até recentemente vinha trilhando o caminho errado, mas acaba de descobrir a grande verdade. (LIST, 1885, p. 295).

Após o colapso capitalista de 1929, nutriu-se a ideia do Estado de bem estar social, que buscou novas bases econômicas do capitalismo, até a década de 1970. Após nova crise, surgiu, na década de 1980, o neoliberalismo. Os ideólogos neoliberais alardeavam o fim da história, repellido por pensadores progressistas. Santos (2009) também contestou o suposto fim da história. Para o autor, ela apenas começava, pois antes o que havia era uma história de lugares, regiões, países, em função dos impérios que se estabeleceram a uma escala mais ampla. “O que até então se chamava de história universal era a visão pretensiosa de um país ou continente sobre os outros, considerados bárbaros ou irrelevantes.” (SANTOS, 2009, p. 170).

O chamado neoliberalismo não é uma teoria científica. Nem muito menos uma corrente de pensamento científico. Não chega também a ser uma doutrina. É uma ideologia – mais propriamente, é o elemento central da ideologia da oligarquia financeira que domina o mundo, na atual etapa do capitalismo. (SOUZA, 1995, p. 9).

Esta não seria uma ideia de desenvolvimento satisfatória. Para Harvey (2006), seria um mero desenvolvimento estético sobre a ética. Segundo Santos (2009), a globalização neoliberal mostrou-se como uma fábula e uma fábrica de perversidades. Alguns teóricos atribuíram ao capitalismo a ideia de desenvolvimento. Contudo, é a sua negação, em sua etapa monopolista, que aniquila a ilusão concorrencial e impõe à economia e às sociedades sua dinâmica concentradora do capital e a segregação social e espacial da maioria das populações.

Em outra dimensão tem-se o desenvolvimento com cidadania plena. A abordagem conceitual de desenvolvimento nesta concepção prioriza a significação de cidadania, em prol do avanço das condições elementares de vida e dignidade dos povos, assim inserido na Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, em seu artigo primeiro: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.” A Constituição brasileira reafirmou estes princípios em seu artigo 3º, tendo como objetivos fundamentais construir uma sociedade livre, justa e solidária; garantir o desenvolvimento nacional; erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais; promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. (Constituição Federal, 1988).

Agora que estamos descobrindo o sentido de nossa presença no planeta, pode-se dizer que uma história universal verdadeiramente humana está, finalmente, começando. A mesma materialidade, atualmente utilizada para construir um mundo confuso e perverso, pode vir a ser uma condição da construção de um mundo mais humano. Basta que se completem as duas grandes mutações ora em gestação: a mutação tecnológica e a mutação filosófica da espécie humana. (SANTOS, 2009, p. 174).

A ausência de eficácia do liberalismo em atender às demandas da maioria das populações dos países trouxe a reflexão de teóricos acerca desta questão. As crises sociais, políticas, a geração de concentração e desigualdade geraram outro clamor das sociedades.

O simples nascer investe o indivíduo de uma soma inalienável de direitos, apenas pelo fato de ingressar na sociedade humana. Viver, tonar-se um ser no mundo, é assumir, com os demais, uma herança moral, que faz de cada qual um portador de prerrogativas sociais. Direito a um teto, à comida, à educação, à saúde, à proteção contra o frio, a chuva, as intempéries; direito ao trabalho, à justiça, à liberdade e a uma existência digna. (SANTOS, 2014, p. 19)

A Divisão Internacional do Trabalho apresentou uma conformação de países desenvolvidos, fabricantes de produtos de alta tecnologia e valor agregado, e, não-desenvolvidos, produtores de matérias-primas e alimentos *in natura*.

Mais do que o predomínio colonial, foi o livre-câmbio, a livre circulação de mercadorias pelas fronteiras nacionais que assegurava a superioridade, no mercado mundial de produtos industriais, e os países que se industrializaram mais cedo. [...] O mundo se dividiu, de forma cada vez mais nítida, em países desenvolvidos, exportadores de produtos industriais, e países não-desenvolvidos, exportadores de produtos primários. (SINGER, 1983, p. 106)

Nesse sentido apontado por Singer houve a elevação da dependência externa do país, como retorno à época anterior a substituição de importações conquistada na industrialização brasileira, retornando ainda mais a uma dinâmica exportadora de *commodities*. O desenvolvimento seria, portanto, o processo de acumulação de capital, incorporação de progresso técnico e elevação dos padrões de vida da população de um país, que se iniciaria com uma revolução capitalista e nacional; seria o processo de crescimento sustentado da renda dos habitantes de um país sob a liderança estratégica do Estado nacional e tendo como principais atores os empresários nacionais. O desenvolvimento seria nacional porque se realiza nos quadros de cada Estado nacional, sob a égide de instituições definidas e garantidas pelo Estado, segundo Bresser-Pereira (2004). “Para tanto, seria preciso construir uma ideologia de desenvolvimento nacional. A dependência ideológica precede às demais dependências financeira e tecnológica.” (FURTADO, 2009, p. 171).

## **O CONTROVERSO DESENVOLVIMENTO LOCAL-GLOBAL**

Até o início da década de 1930, o espaço geográfico brasileiro foi estruturado com base substancial no modelo primário-exportador, fazendo com que a configuração das atividades econômicas fosse dispersa e com pontual, ou ausente, interdependência. Dentre os produtos que compunham a pauta comercial brasileira destacaram-se a cana-de-açúcar, o algodão, o ouro, a borracha e o café. O Rio Grande do Sul esmerava-se noutro modelo de desenvolvimento, influenciado pelas levas de imigrantes europeus e seus projetos.

O período da chamada República Velha (ou Primeira República) é extremamente rico para a história regional, pois, então, a economia e a sociedade gaúchas mudaram a sua face, e também o poder político regional experimentou grandes transformações, processos estes que guardam relativa autonomia, mas que se articulam. Nesse momento de sua história, o RS teve uma original forma de desenvolvimento, na qual os impulsos dinâmicos endógenos concorreram com uma diversificada pauta de exportações regionais para estabelecer um ritmo de crescimento econômico expressivo, equiparável ao do complexo cafeeiro. Esse modo específico de desenvolvimento econômico, sem paralelo entre as demais regiões brasileiras, estabeleceu-se nos marcos de um relativo isolamento regional e de uma economia nacional ainda pouco integrada. (SCHMIDT e HERRLEIN JR, 2002, p. 259)

No contexto nacional do início do século XX, o Rio Grande do Sul consistia numa economia regional subsidiária, tal como sempre havia sido a economia gaúcha estabelecida



na fronteira dos domínios luso-brasileiros. Entretanto, superada a escravidão, se configurou numa importante economia de mercado interno, especialmente a partir do desdobramento da produção agropecuária e agroindustrial das colônias de pequenos proprietários e da indústria de Porto Alegre. Houve, nesse período, uma grande expansão econômica e demográfica, proporcionando à economia regional um dinamismo notável e peculiar na sua forma, pois foi amplamente determinado pela demanda interna à região, segundo Schmidt e Herrlein Jr (2002).

No Brasil, a Revolução de 1930, liderada por Getúlio Vargas, trouxe uma dinâmica de movimento endogenamente determinada, enquanto principiava um processo mais intenso de integração do mercado nacional. (Furtado, 2007) As bases do crescimento econômico do Rio Grande do Sul foram a manutenção de seu papel de exportador agropecuário e agroindustrial para o mercado interno brasileiro, bem como na ampliação de seu mercado interno regional. A indústria gaúcha, entre 1920 e 1950, acentuou o seu caráter regional. A desconcentração foi expressa pela redução do peso dos grandes estabelecimentos (mais de 100 operários) no emprego de operários industriais, que era de 51 % em 1920, e reduziu-se para um terço, refletindo o crescimento da importância relativa dos estabelecimentos médios (de 10 a 100 operários). O emprego industrial também se expandiu, e a tendência foi de aceleração da expansão industrial na passagem da década de 30 para a de 40, segundo Herrlein Júnior (2000). Com a centralização econômica no Sudeste, sede da industrialização brasileira a partir do estoque de capitais provenientes da economia cafeeira, associada aos investimentos estatais e erguimento da indústria de base brasileira e a política de substituição de importações, o Rio Grande do Sul perdeu certo protagonismo devendo subordinar-se secundariamente ao centro do país, como ressalta Pesavento (1992).

Se, de um lado houve a contenção industrial gaúcha, de outro cresceu enormemente a produção agropecuária, com o surgimento da soja no estado e sua crescente produtividade e expansão territorial, na segunda metade do século XX. Em 1970, o Brasil já era um dos maiores produtores e exportadores mundiais e o Rio Grande do Sul respondia por quase dois terços da produção nacional, que foi decrescendo em percentual de produção e produtividade. Em 1977 era menos de 50% da produção nacional. A indústria gaúcha se diversificou e acompanhou o “milagre brasileiro”, com altas taxas de crescimento até 1980, segundo Müller (1998).

[ ] a velha província manteve, depois de estabelecida a federação e a República, características não encontráveis em outras regiões do nosso País. Particularmente, a existência de uma classe média que sabia dar o tom aos processos, tonificando-os com a sua presença e com o seu apego a determinadas normas. A existência dessa classe média e a importância do seu papel no Rio Grande é que definem o que, no fim de contas, o Estado apresenta de mais firme e duradouro. Ora, é isso que já está com os seus alicerces abalados: nunca houve, como agora, tantas malocas rodeando as cidades. [ ] Nunca o Rio Grande conheceu a miséria. Está sendo apresentado a ela, agora, e de uma forma violenta e singular. Singular, porque o RS teria experimentado um tipo de desenvolvimento econômico peculiar, progressivo, orgânico, que estaria sendo solapado pela grande indústria de outras regiões que ocupam a vanguarda do crescimento econômico. (SODRÉ, 1992, p. 110)

Contudo, o “milagre brasileiro”, denominação tipificada no regime militar, foi arranjado mediante a contração de elevados empréstimos a bancos, especialmente estrangeiros, e o FMI (Fundo Monetário Internacional). Em 1968, a dívida era de US\$ 3,8 bilhões, alcançando US\$ 115,1 bilhões no final da década de 1980, mesmo com o pagamento de US\$ 230 bilhões em juros neste período. O “milagre econômico” cobrava seu preço: a catástrofe econômica das décadas de 1980 e meados de 1990, denominada “década perdida”, com a explosão inflacionária. Para Pochmann (1991), os dados disponíveis sobre a evolução da economia brasileira, ao longo da década de 80, permitiam identificar com certa clareza os beneficiários do processo inflacionário: exportadores, banqueiros internacionais e rentistas internos dos títulos públicos. Com a globalização e o neoliberalismo em escalada na década de 1990, a geografia do mundo mudou mudando a geografia do Brasil. Consolidou-se assim, a fase monopolista do capitalismo através da unidade contraditória das empresas multinacionais e das classes sociais nacionais. Conforme Oliveira (2016), a mundialização do capitalismo uniu dialeticamente o mercado dos países altamente industrializados com todos os demais de média ou pequena presença industrial.

## **CARACTERIZAÇÃO E DINÂMICA DA ÁREA DE ESTUDO**

O Rio Grande do Sul, estado mais meridional do país, é o maior e o mais populoso estado da região Sul. É o quarto estado mais rico do país, superado apenas por São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Pormenorizando a análise regional, o IBGE adotou a divisão territorial do espaço geográfico também em mesorregiões e microrregiões. Cachoeira do Sul está localizada na Mesorregião Centro Oriental Rio-grandense.

Cachoeira do Sul, quinto município no Rio Grande do Sul, criado em 26 de abril de 1819, está localizado no centro do Rio Grande do Sul, à margem esquerda do rio Jacuí, a 196 km de Porto Alegre, capital do Estado. A população cachoeirense é uma mescla de várias etnias. A partir de 1750, esta região foi ocupada por soldados portugueses vindos de São Paulo e que receberam sesmarias do governo de Portugal. A seguir, chegaram açorianos. Em 1769, índios guaranis catequizados foram aldeados no local até hoje chamado Aldeia, com o objetivo de fornecer mão-de-obra para a nova povoação que surgia. Durante este tempo e ainda depois, chegaram negros escravos, pois a escravidão sustentava o modo de produção na época. A imigração alemã ocorreu a partir de 1857; a imigração italiana, próximo a 1880. (Prefeitura Municipal, 2018)

O desenvolvimento do espaço geográfico de Cachoeira do Sul foi historicamente influenciado pelas múltiplas determinações da conjuntura nacional e sua dinâmica política, econômica e social, determinando impactantes resultados no município. O século XX herdou legados e distorções da ocupação do espaço, especialmente no que diz respeito à distribuição da terra e a concentração fundiária, originária na oferta de sesmarias e suas vastas áreas aos pioneiros gaúchos, religiosos e militares. O arroz foi o produto que permitiu desenvolver economicamente a região. Sua introdução foi por conta da migração alemã e italiana e da favorável caracterização geográfica. Em termos econômicos, despontaria como base de sustentação do crescimento da região somente com a introdução das primeiras lavouras irrigadas por gravidade, em fins do século XIX e, principalmente no início do XX, com a utilização de irrigação mecanizada. Diferente de outras *commodities*, a orizicultura irrigada foi a primeira a surgir em bases capitalistas, usando maior mão de obra assalariada, arrendamento de terras, tecnologia e, principalmente, produzindo para o mercado interno em vez de se limitar a exportar o excedente, segundo Müller (1998) e Pesavento (1980 e 1983).

Nas décadas de 20, 30 e 40, época em que o Rio Grande do Sul se tornou o celeiro do Brasil, tivemos o maior crescimento. A cidade foi uma das primeiras a ser saneada. Tornamo-nos a “capital do arroz”. Cachoeira do Sul foi, então, o maior centro abastecedor do *hinterland* gaúcho. Abasteciam-se aqui o comércio e a população dos municípios de Encruzilhada, Caçapava, Santana da Boa Vista, Faxinal do Soturno, Nova Palma, Candelária, Sobradinho e Arroio do Tigre. O mesmo acontecia, em parte, com outros municípios da campanha. Estávamos no fastígio da navegação fluvial. A bacia fluvial do Jacuí era, no Brasil, a que transportava a maior tonelagem de mercadorias. Cachoeirenses ilustres, com indiscutível capacidade e influência, expressavam nos cenários estadual e nacional as nossas reivindicações. (ROHDE, 1998, p.112)

O desenvolvimento e a própria modernização da lavoura orizícola somente foi possível graças à forte influência da política protecionista do Governo Federal, elevando substancialmente as tarifas sobre o arroz importado. O produto fazia parte dos hábitos alimentares brasileiros, e seu consumo fora intensificado pelo processo de urbanização incipiente. Para Brum (1988), buscava-se a autossuficiência alimentar do arroz devido ao peso que ele passava a representar na balança comercial de pagamentos.

Por conta da fartura da lavoura rizícola irrigada foi possível realizar melhorias em termos de infraestrutura urbana. Já na administração do coronel Davi Soares de Barcellos (1893-1904) foram aterradas sangas e abertas ruas, de modo a expandir a ocupação através de novos loteamentos. As praças receberam melhorias, como calçamento, ajardinamento e muramento. Na área da saúde, foi construído o prédio destinado ao Hospital de Caridade. Com o coronel Isidoro Neves da Fontoura (1908-1912), deu-se início aos trabalhos de iluminação elétrica da cidade e fornecimento de força motriz durante o dia, do incipiente serviço de água e esgoto e de melhoria das estradas e comunicações entre os distritos e a sede. (SELBACH, 2010, p. 180)

Na segunda década do século XX, surgiu em Cachoeira do Sul o pioneirismo de Otto Mernak, com seus locomóveis de superior qualidade, os primeiros da América do Sul, famosos no Brasil e no exterior, ressalta Rohde(1998). O alemão Otto Mernak, em 1912, instalou-se em Cachoeira, onde abriu oficina mecânica e fundição em um galpão defronte à Estação Ferroviária. Seu negócio não ficou isolado, mas em posição estratégica que lhe permitia o convívio com engenhos de arroz e outros empreendimentos que se serviam da ferrovia para recebimento e escoamento de mercadorias, e poderiam lhe oferecer muitos serviços. Com trabalho constante e esforçado, tornou-se um dos mais bem sucedidos industriais de Cachoeira e a empresa fundada por ele, a Mernak S.A., chegou a ser a maior fabricante de locomóveis e caldeiras da América do Sul, abastecendo o mercado interno e externo. Mernak afirmava que com disponibilidade de lâminas de ferro poderiam produzir grande variedade de manufaturados, desde bombas, trilhadeiras, peças para motores, caldeiras, locomóveis e locomotivas, empregando dezenas de operários, segundo Ritzel (2017). Outro destaque, em 1926, Adolfo Moritz Friedrich iniciava suas atividades industriais, fabricando – em 1935 – sua primeira trilhadeira de arroz. A Friedrich chegou a exportar dezenas de unidades de suas trilhadeiras, além de abastecer largamente o mercado interno. Em 1956, o IBGE editou uma monografia acerca do município de Cachoeira do Sul, donde destacavam-se alguns dados que demonstram a pujança social e econômica, dispostos na Tabela 1.

Tabela 1: Dados do município de Cachoeira do Sul – 1956

População: 94.110 habitantes (Recenseamento de 1950).
Densidade demográfica: 16 habitantes/km <sup>2</sup> .
População preponderantemente rural, com 67.736 habitantes; na área urbana concentram-se 23.713 pessoas e na suburbana (sedes de distritos), 2.661. Assim, 72% da população localizava-se na zona rural, 25 %, na urbana, e apenas 3%, no suburbano.
Atividades econômicas principais: Agricultura (principalmente, cultura, de arroz e do trigo, pecuária; indústria de beneficiamento de cereais e indústria de locomóveis, bombas centrífugas e trilhadeiras.
Estabelecimentos bancários: 6 agências
Veículos registrados (na Prefeitura Municipal) - 775 automóveis, 584 camionetas, 812 caminhões e 33 ônibus.
Aspectos urbanos (sede) – 4.352 ligações elétricas, 449 aparelhos telefônicos, 15 hotéis, 10 pensões, 1 cinema e 1 cine-teatro.
Assistência médica (sede) - 2 hospitais gerais com 215 leitos; 18 médicos no exercício da profissão.
Aspectos culturais - 192 unidades escolares de ensino primário fundamental comum, 5 de ensino secundário, 6 de ensino agrícola, 1 de ensino industrial, 2 de artístico e 1 de pedagógico; 2 jornais, 2 emissoras de rádio, 1 biblioteca com 7.338 volumes, 4 tipografias e 3 livrarias.
Do total de 30.157 trabalhadores efetivos, 19.316 habitantes exercem a principal atividade econômica no ramo "agricultura, pecuária e silvicultura", representando 64% sobre esse número; há 2.556 pessoas ativas nos ramos "indústrias de transformação", representando 8%, e os ramos "prestação de serviços" e "comércio de mercadorias" congregam, respectivamente, 11 % e 6% desse total.

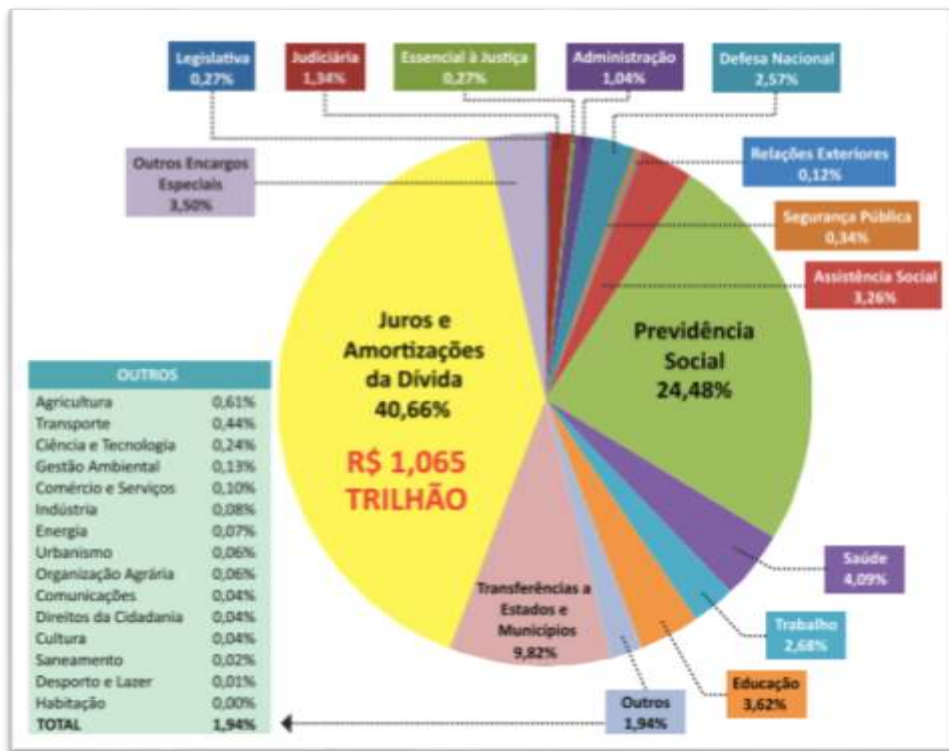
---

Fonte: Biblioteca IBGE, 1956. Org.: Hettwer, 2018

Nota-se que a natureza econômica de Cachoeira do Sul era predominantemente endógena, desde a produção de alimentos voltada principalmente ao mercado interno, com a proteção de preços aos produtores nacionais, o beneficiamento industrial e a fabricação de maquinário para atender a esta produção primária. Contudo, após um período exitoso de uma política nacional endógena, sob pressão internacional e acordos ingenuamente elaborados, o Brasil abriu-se descuidadamente ao mercado externo, a partir do governo de Juscelino Kubitshek, que permitiu a descontrolada abertura nacional às transnacionais, agudizada na ditadura militar até o neoliberalismo contemporâneo. A década de 1980 ficou conhecida como a década perdida e deixou seus efeitos em Cachoeira do Sul, com a falência das principais indústrias de transformação. Ao mesmo tempo, impacto da Revolução Verde, da mecanização do campo, consideravelmente com maquinário estrangeiro, e da implantação de novas culturas, agora principalmente voltadas ao mercado externo, como a soja, o município reduzia-se a produtor de *commodities*, num cenário crescente de mais de 70% da população residindo na cidade, repelidos pela máquina e pelo latifúndio agroexportador.

De sua parte, o Estado brasileiro, tomado pela ideologia e pressões neoliberais, rendia-se e tornava-se incapaz de reagir, uma vez que poderia utilizar a sua força para desenvolver o país. Pelo contrário, como pode ser visto na execução do orçamento brasileiro demonstrada no Gráfico 1, destina a maior parte – 40,66%, para saciar bancos nacionais e estrangeiros, com juros e amortização da dívida.

**Gráfico 1: Orçamento federal executado/2018 – percentual sobre total R\$ 2,621 trilhões**



Fonte: SIAFI, 2018. Org.: www.auditoriacidada.org.br.

Em 2018, os três maiores bancos privados no Brasil – Itaú, Bradesco e Santander, tiveram lucro líquido de cerca de R\$ 56 bilhões. Com essa apropriação do orçamento público, ocorrida há anos no Brasil, apenas 3,62% foram destinados à educação, 4,09% à saúde, 0,02% ao saneamento básico, 0,24% à ciência e tecnologia, 0,08% à indústria. No cenário de desnacionalização, cresceu ainda mais o protagonismo do capital estrangeiro e das grandes corporações, e o sufocamento das forças produtivas nacionais, repercutindo no retrocesso do PIB brasileiro. Uma das evidências mais danosas ao desenvolvimento nacional desta política foi a escalada da desindustrialização brasileira, que provocou consequências pelo país.

Nesta fase da vida nacional, esse papel extraordinário da ditadura do dinheiro em estado puro acaba de mostrar-nos, definitivamente, a dificuldade de regulação interna e também de regulação externa, já que cada empresa tem interesses que somente se exercem a partir da desregulação dos outros; ajuda a organizar a empresa em questão e desorganiza tudo o mais. Em outras palavras, a presença das empresas globais no território é um fator de desorganização, de desagregação, já que elas impõem cegamente um multidão de nexos que são do interesse próprio, e quanto ao resto do ambiente nexos que refletem as suas necessidades individualistas, particularistas. Por isso, o território brasileiro se

tornou ingovernável. E como o território é o lugar de todos os homens, de todas as empresas e de todas as instituições, o país também se tornou ingovernável como nação, como estado e como município. (SANTOS, 2009, p. 19)

Esse contexto nacional das últimas décadas impactou o caminho de desenvolvimento de Cachoeira do Sul, provocando múltiplos efeitos em cadeia, especialmente afetando o principal produto que baseava a cadeia produtiva integradora – o arroz. Essa mudança paradigmática, que paralisou o desenvolvimento endógeno e industrial de Cachoeira do Sul, prejudicou a existência de diversas empresas, especialmente a indústria de transformação, dentre as quais a histórica Mernak S.A., cuja realidade atual vê-se na Figura 2.

**Figura 2: Realidade atual da empresa Mernak S.A. no centro de Cachoeira do Sul**



Fonte: Hettwer, 2018.

## INDICADORES SOCIAIS E ECONÔMICOS DE CACHOEIRA DO SUL

Em 1940, a população de Cachoeira do Sul era de 83.729 pessoas sendo o 38º município mais populoso do Brasil. Entre 2004 e 2014 a variação da população gaúcha cresceu 5,2%, enquanto o número de habitantes do município diminuiu 2,2%. Em 1970, a população cachoeirense era de 94.261 habitantes. Já em 2018, regrediu para 82.547 pessoas. (IBGE, 2018).

A série histórica 2007-2016 do PIB de Cachoeira do Sul mostrou um aumento nominal de 164,92% no período de 10 anos. Em números deflacionados pelo IPCA, o PIB



do município cresceu 45,07%, atingindo R\$ 2.323.640.000,00 em 2016, 33ª colocação no Estado. (Secretaria da Indústria e Comércio Cachoeira do Sul, 2019) Na Tabela 2 apresenta-se a pormenorização do PIB por atividade econômica em escala histórica.

**Tabela 2: Participação das atividades econômicas no PIB de Cachoeira do Sul - 2000/2015**

Ano	Serviços	Indústria	Impostos	Agropecuária
2015	43,40%	12,70%	6,90%	20,80%
2014	42,10%	12,90%	6,80%	22,50%
2013	42,20%	13,10%	7,30%	21,50%
2012	44,70%	16,70%	8,90%	13,70%
2011	42,60%	17,90%	9,10%	14,50%
2010	43,60%	17,20%	9,20%	13,40%
2009	52,90%	22,40%	7,20%	17,60%
2008	55,90%	18,50%	7,70%	17,90%
2007	61,80%	13,60%	6,90%	17,80%
2006	63,60%	12,80%	7,50%	16,00%
2005	64,40%	13,80%	8,60%	13,20%

---

2004	58,20%	13,40%	8,10%	20,20%
2003	59,10%	12,50%	8,10%	20,30%
2002	61,30%	12,40%	7,60%	18,70%
2001	62,30%	12,30%	7,80%	17,60%
2000	64,20%	13,30%	7,50%	15,00%

---

Fonte: IBGE, 2016–Org.: Hettwer, 2018

O Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged, 2018) registrou 12.822 trabalhadores com carteira assinada em janeiro de 2018. O setor agropecuário é o que menos gerou empregos, 1.330, diante de 4.449 do setor de serviços, 4.110 do comércio e 2.232 da indústria. A Indústria de Transformação teve a maior queda de empregos formais no período compreendido entre 1/03/2014 e 28/02/2018. Nesses quatro anos, a indústria desempregou 829 trabalhadores, queda de 27%.

## COMPARATIVO DE INDICADORES ECONÔMICOS E SOCIAIS

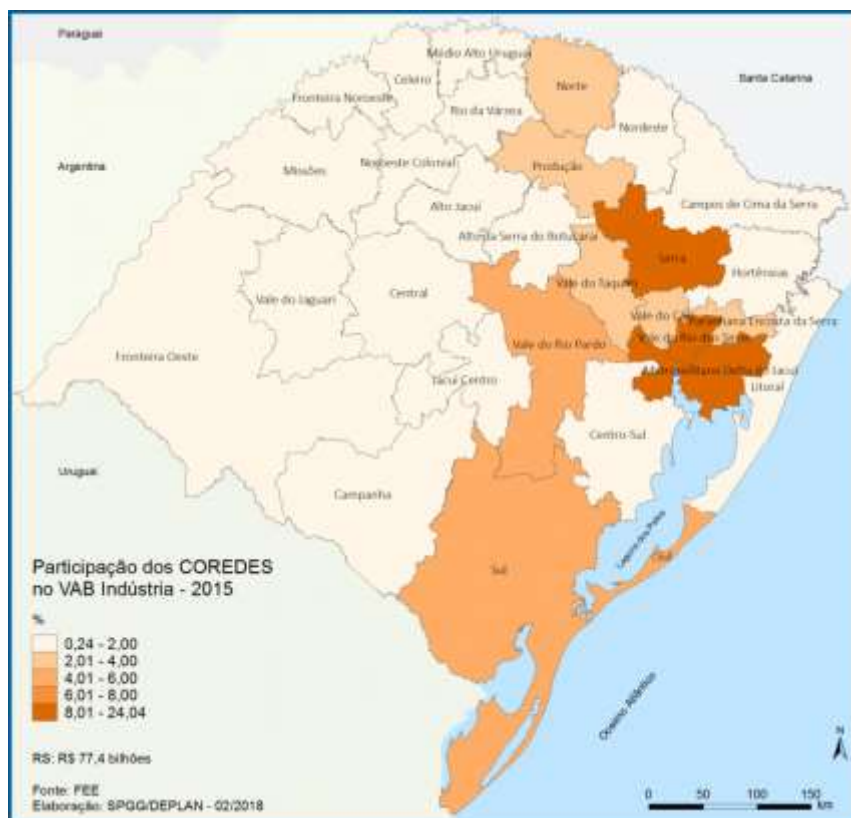
No período compreendido entre 2002 e novembro de 2018 houve contrastes importantes na geração de empregos dos municípios escolhidos para análise comparativa: Lajeado, Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires, da Mesorregião Centro Oriental Rio-grandense ao lado de Cachoeira do Sul, e Bento Gonçalves e Caxias do Sul. Nesse espaço de tempo, Cachoeira do Sul gerou o saldo positivo de 4.789 empregos formais, numa população estimada de 82.547 habitantes. Ou seja, isso representa a porcentagem de 5,80% da população. (Caged, 2018).

Bento Gonçalves, de 119.049 habitantes, gerou, no período, 16.856 empregos, representando 14,15% sobre a sua população. Caxias do Sul, com 504.069 habitantes, gerou 56.346 empregos, totalizando 11,17%. Santa Cruz do Sul, com população de 129.427 habitantes, gerou 12.833 empregos, resultando em 9,91%. Venâncio Aires, com população

de 71.117 habitantes, gerou 4.588 empregos, totalizando 6,45%. Por fim, Lajeado, de população assemelhada a Cachoeira do Sul, com 82.591 habitantes, gerou no período 17.852 empregos, resultando em 21,61% sobre a população. (Caged, 2018) e (IBGE, 2018).

No mapa a seguir pode-se perceber que o Conselho Regional de Desenvolvimento (COREDE) Jacuí Centro, de Cachoeira do Sul, apresenta baixa concentração industrial, distintamente do Vale do Rio Pardo (Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires e Lajeado) e da Serra (Bento Gonçalves e Caxias do Sul).

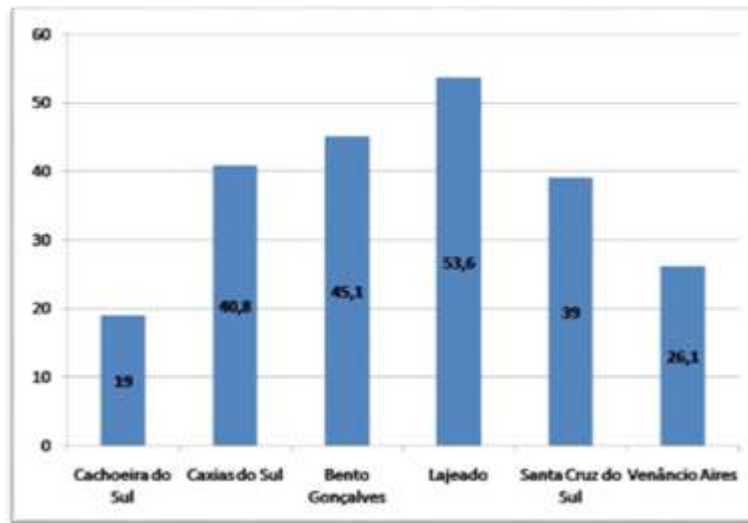
**Figura 3: Mapa com VAB Indústria e divisão regional COREDE's**



Fonte: FEE, 2018.

A dinâmica da geração de empregos nesses municípios, apresentada no Gráfico 2, demonstrou a perceptível diferenciação na oferta de trabalho. Cachoeira do Sul apresentou 19% de sua população ocupada; Caxias do Sul reuniu 40,8%; Bento Gonçalves 45,1%; Lajeado possuiu 53,6%; Santa Cruz, por sua vez, 39%; ao passo que Venâncio Aires apresentou 26,1% de sua população ocupada. Assim, nota-se, mais uma vez, nesse comparativo a reduzida capacidade de Cachoeira do Sul diante dos demais municípios.

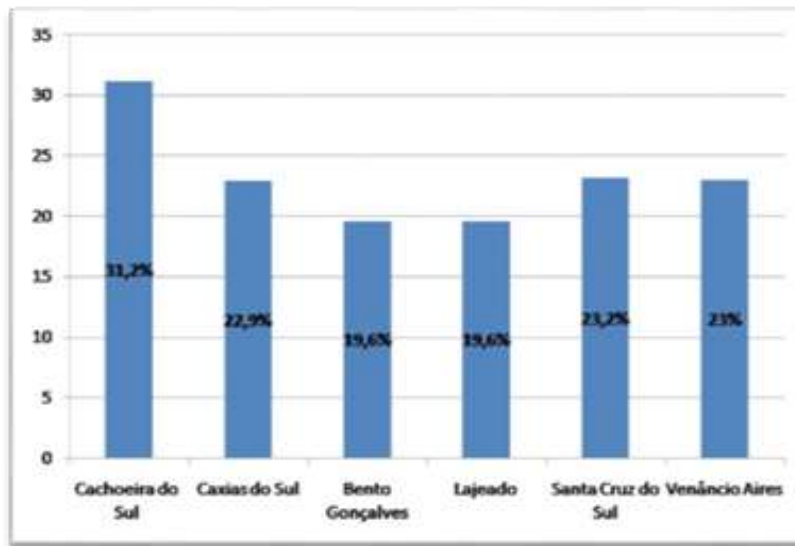
**Gráfico 2: Pessoal ocupado no universo populacional dos municípios em %**



Fonte: IBGE, 2016 - Org.: Hettwer, 2019

Ainda, comparativamente, o município de Cachoeira do Sul apresentou um maior percentual de pessoas com baixo rendimento financeiro, de até meio salário mínimo, conforme estipulado no Gráfico 3, em comparação com os demais municípios, o que pode ser justificado pelo baixo índice de empregabilidade dos cachoeirenses, ocasionando a necessidade de divisão maior da renda entre as pessoas empregadas e não empregadas.

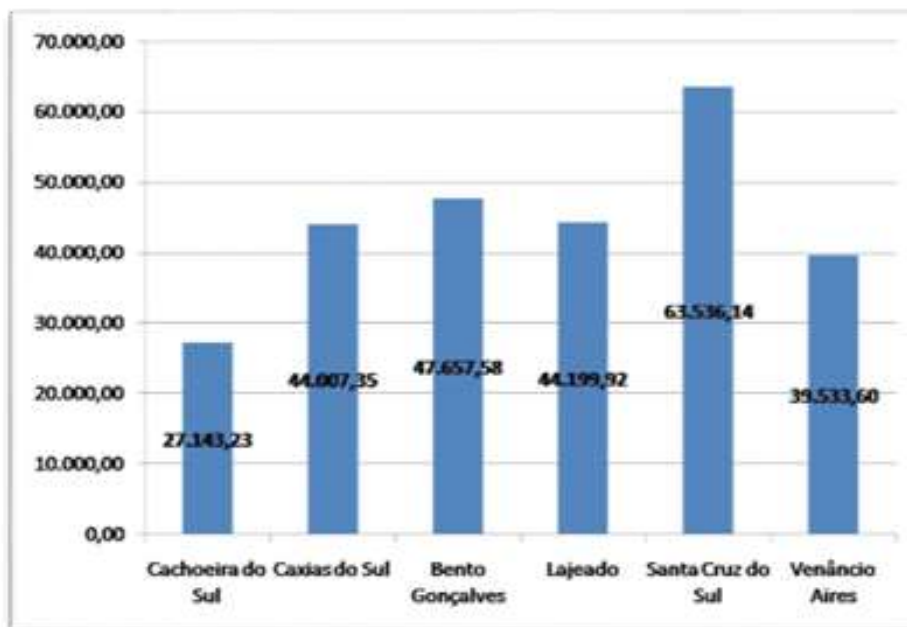
**Gráfico 3: População com rendimento nominal mensal per capita de até ½ salário mínimo**



Fonte: IBGE 2016. Org.: Hettwer, 2018.

No Gráfico 4 demonstra-se o PIB per capita comparativo desses municípios, resultando mais uma vez na última colocação de Cachoeira do Sul diante dos demais, chegando a representar menos de 50% do município vizinho de Santa Cruz do Sul.

**Gráfico 4: PIB per capita dos municípios em R\$ em 2018**



Fonte: IBGE 2018. Org.: Hettwer, 2018.

Com a escalada da mecanização e da produtividade agrícola e da prioridade dada à sojicultura, como consequência, houve a concentração fundiária, percebida na Tabela 2. A maior parcela das terras estava concentrada em propriedades de 1.000 a 2.500 ha em apenas 51 propriedades. Por outro lado, havia 2.225 propriedades de até 100 ha das 2.762 existentes, que somam apenas 38.797 ha, ou seja, cerca de 12% da área total.

**Tabela 2: Número de estabelecimentos rurais e respectivas áreas em Cachoeira do Sul**

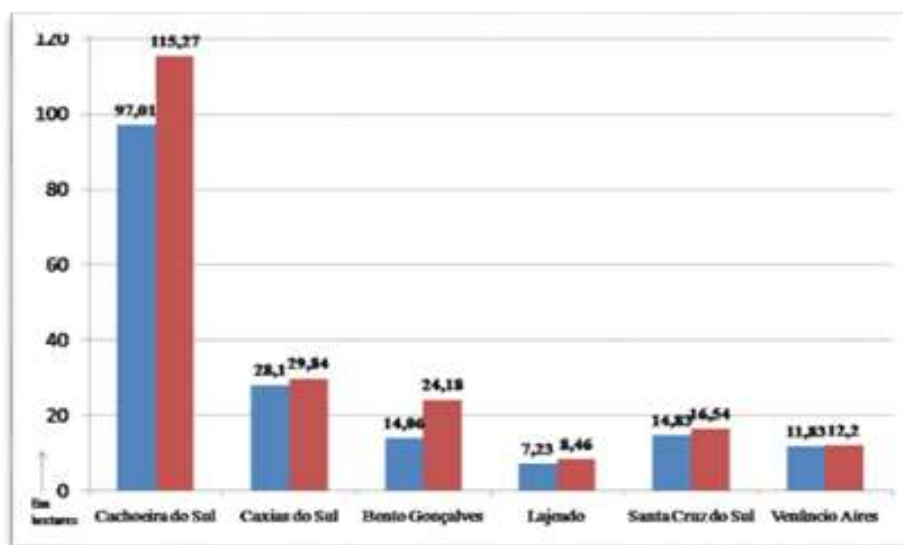
<b>TIPO DE ESTABELECIMENTO</b>	<b>Nº ESTABELECIMENTOS</b>	<b>ÁREA EM HA</b>
De 0 a menos de 1 ha	101	42
De 1 a menos de 2 ha	229	281
De 2 a menos de 3 ha	213	465
De 3 a menos de 4 ha	152	489
De 4 a menos de 5 ha	132	555
De 5 a menos de 10 ha	373	2.535
De 10 a menos de 20 ha	392	5.345
De 20 a menos de 50 ha	384	11.997
De 50 a menos de 100 ha	249	17.088
De 100 a menos de 200 ha	191	26.938
De 200 a menos de 500 ha	187	58.082
De 500 a menos de 1.000 ha	98	67.711

De 1.000 a menos de 2.500 ha	51	76.645
De 2.500 a menos de 10.000 ha	9	38.477
De 10.000 ha e mais	1	11.725
<b>TOTAL</b>	<b>2.762</b>	<b>318.375</b>

Fonte: Censo Agropecuário IBGE, 2017 - Org.: Hettwer, 2019.

O Gráfico 5 ilustra que o tamanho médio de uma propriedade rural em Cachoeira do Sul, em 2017, era cerca de 3,86 vezes maior que Caxias do Sul; 4,76 vezes maior que Bento Gonçalves, 13,62 vezes maior que Lajeado; 6,96 vezes maior que Santa Cruz do Sul; e 9,44 vezes maior que Venâncio Aires no período analisado com o Censo Agropecuário do IBGE nos anos de 2006 e 2017. Nesse período, em Cachoeira do Sul, cresceu a sojicultura.

**Gráfico 5: Tamanho médio de propriedades rurais de municípios em ha de 2006-2017**



Fonte: Censo Agropecuário IBGE 2006 e 2017. Org.: Hettwer, 2019.

Diante disso, decresceu a agricultura familiar. A produção alimentícia perdeu área territorial e número de estabelecimentos produtores, que impactaram três movimentos simultâneos: êxodo rural, concentração fundiária, encarecimento dos alimentos.

**Tabela 3: Evolução do nº estabelecimentos por tipo de cultura vegetal 1995/2017**

<b>Culturas vegetais</b>	<b>1995</b>	<b>2006</b>	<b>2017</b>
<b>Alface</b>	1.991	110	99
<b>Arroz em casca</b>	<b>734</b>	<b>449</b>	<b>250</b>
<b>Batata-inglesa</b>	97	19	25
<b>Beterraba</b>	984	77	53
<b>Cebola</b>	659	114	132
<b>Cenoura</b>	1.452	65	36
<b>Couve</b>	1.209	69	72
<b>Feijão (preto, de cor, fradinho)</b>	517	252	243
<b>Mandioca</b>	1.768	1.201	998
<b>Milho em grão</b>	1.641	1.004	768
<b>Pepino</b>	857	55	22
<b>Repolho</b>	1.690	47	46
<b>Soja</b>	<b>188</b>	<b>357</b>	<b>517</b>
<b>Tomate (estaqueado e em pé)</b>	406	49	27



---

<b>Número total</b>	<b>14.193</b>	<b>3868</b>	<b>3288</b>
---------------------	---------------	-------------	-------------

Fonte: Censos Agropecuários IBGE 1995, 2006 e 2017. Org.: Hettwer, 2019.

O município de Cachoeira do Sul detinha uma área sojicultora de 99.596,37 hectares, segundo o Censo Agropecuário 2017, atrás dos municípios de Tupanciretã, São Gabriel e Júlio de Castilhos. A produção era principalmente voltada ao mercado exterior. Havia alguns anos até 2015, parte significativa da produção regional era assimilada pela empresa Granol para o processamento de farelo de soja e fabrico de glicerina para o biodiesel, o que retribuiu arrecadação e empregos ao município. Contudo, a cultura da soja evoluiu devido às isenções fiscais sobre a exportação do produto, que causaram perdas tributárias dos municípios e estados produtores. À medida que o tempo passou, se acentuaram os prejuízos econômicos decorrentes da desoneração das exportações dos produtos primários, a chamada lei Kandir<sup>3</sup>. Um dos principais efeitos percebidos com a vigência da Lei Kandir é a redução significativa de arrecadação e repasses de ICMS dos estados aos municípios produtores de soja, tal como Cachoeira do Sul, bem como a retenção estadual. Mais uma vez, apresenta-se a comparação dos municípios de Lajeado, Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires, da Mesorregião Centro Oriental Rio-grandense, além de Bento Gonçalves e Caxias do Sul, sobre os repasses de ICMS no ano de 2017. Por óbvio, os municípios reuniam populações numericamente diferentes. Para mensurar o valor repassado de ICMS para o município no ano de 2017 houve a divisão do montante pela população, o que gerou um valor por indivíduo, que assim pode ser fidedignamente comparado, tal como visualizado na Tabela 4. Com isso, demonstra-se que os valores de repasse de ICMS por indivíduo de Cachoeira do Sul são bem menores aos demais municípios. Ao tomarmos os municípios de Cachoeira do Sul e Lajeado como referências, de populações numericamente assemelhadas, temos o repasse anual de mais de 100 milhões de reais a mais para Lajeado.

---

<sup>3</sup>A Lei Kandir regulamentou a aplicação do Imposto sobre Operações Relativas à Circulação de Mercadorias e Prestações de Serviços de Transporte Interestadual, Intermunicipal e de Comunicação (ICMS). Feita pelo então ministro do Planejamento Antonio Kandir, transformou-se na Lei Complementar 87/96, que já foi alterada por várias outras leis complementares. Fonte: <https://www12.senado.leg.br/noticias/entenda-o-assunto/lei-kandir> em 15/01/2019.

**Tabela 4: Repasse de ICMS aos municípios no ano de 2017**

MUNICÍPIO	TOTAL 2017(R\$)	POPULAÇÃO	REPASSE/POP
Cachoeira do Sul	164.107.931,14	82.547	1.988,05
Bento Gonçalves	447.111.596,89	119.049	3.755,69
Caxias do Sul	1.899.752.825,68	504.069	3.768,83
Lajeado	265.663.714,61	82.591	3.216,61
Santa Cruz do Sul	561.757.934,91	129.427	4.340,34
Venâncio Aires	219.178.778,33	71.117	3.081,94

Fonte: Secretaria da Fazenda do Estado do RS, 2019. Org.: Hettwer, 2019.

Segundo o IBGE, em 2017, Cachoeira do Sul produziu 297.239 toneladas de soja, totalizando 4.953.983 sacas de soja de 60 kg. Em 15/01/2019, a saca da soja era cotada em Panambi<sup>4</sup> (município de referência mais próximo de Cachoeira do Sul) por R\$ 68,00. Assim, a receita com a produção de soja vendida em grão no ano poderia ser estimado em R\$ 336.870.844,00, totalmente isentos de tributação ao município e ao estado, se exportados.

## PULSOS DE DESENVOLVIMENTO

Contrastando com as limitações das matrizes econômicas da cidade, que repeliram a população e geraram pouco emprego e renda a todos, outras alternativas surgiram e demonstraram sua capacidade de ocupar o espaço ocioso na geração do desenvolvimento econômico e social de Cachoeira do Sul, de outras maneiras. Ainda, foram vistas outras experiências econômicas ocorridas em outros municípios, com outros fundamentos, tais como verificadas em Bento Gonçalves. Em 2018 houve uma visita ao município para conhecer as iniciativas locais e os arranjos produtivos que pudessem inspirar estudantes de

<sup>4</sup> Cotação realizada em 17/01/2019 disponível em <https://www.noticiasagricolas.com.br/cotacoes/soja>

Cachoeira do Sul de 2º e 3º anos do Ensino Médio da EE Virgilino Jayme Zinn, orientada pelo autor deste estudo, para ampliar o imaginário e levar novas experiências para o município. A primeira atividade compreendeu uma palestra com o Secretário Municipal de Turismo de Bento Gonçalves, Rodrigo Ferri Parisotto, que contextualizou o desenvolvimento do município com a premissa da valorização do pequeno agricultor, o colono de origem italiana, na produção familiar de uva para o processamento industrial de sucos e vinhos. Para o secretário, houve um arranjo minuciosamente integrado que vem desde a produção primária, a sua preservação, manutenção e potencialização para a industrialização da uva com o desenvolvimento das maiores vinícolas do Brasil, valorizando a dinâmica produtiva e a cultura do colono. Esse arranjo derivou dezenas de outras ações, também integradas, que unem a paisagem natural, a cultura (gastronomia, artesanato, eventos), esportes radicais na natureza, para o turismo, o crescimento da rede hoteleira, de restaurantes e, portanto, de arrecadação tributária. Com essa unicidade de esforços, segundo o secretário, a cidade cunhou uma cultura turística, que resgatou antigas propriedades abandonadas e as tornou em hotéis e restaurantes, valorizando a mão de obra local, da zona rural e da zona urbana. Assim, foram criados diversos roteiros turísticos que atraem milhares de pessoas anualmente. O município possui 3.201 leitos em 38 hotéis e pousadas, 352 taxi/uber e 1.533 eventos. Paralelo a esse cenário multicultural, há grandes empreendimentos, como a fábrica de móveis Todeschini, indústrias metalmeccânicas, de alimentos, que incrementam ainda mais a economia do município.

Em São Sepé, município vizinho de Cachoeira do Sul, em 18/12/2018, foi inaugurada a Usina Termelétrica de São Sepé, com financiamento de R\$ 35,2 milhões do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE), do total de R\$ 48 milhões de investimento. A usina irá gerar eletricidade por meio de queima da casca de arroz, uma fonte de energia renovável, subproduto que costuma ser tratado como resíduo pelas indústrias arrozeiras. Para produzir energia, a usina utilizará mais de 70 mil toneladas/ano de casca de arroz, gerando 8 megawatts (suficiente para abastecer cerca de 31 mil domicílios, ou de 100 mil a 120 mil pessoas). Com o início das atividades, foram criados 30 empregos diretos no município. Para o especialista em rizicultura, Cleiton Evandro dos Santos, o arroz e a potencialidade de Cachoeira do Sul é bastante subaproveitada, o Japão tem mais de 3.000 usos diferentes para o arroz, sendo 2.500 industriais, sem contar a

alimentação, cosméticos, medicamentos (a área estéril dos remédios é toda feita de farinha de arroz) e ração para animais.

Cachoeira do Sul reúne uma riqueza natural invejável, porém bastante desprezada, o Rio Jacuí, pertencente à Hidrovia do Mercosul, constituída pelos rios Jacuí, Taquari, Caí, Sinos, Gravataí, Camaquã e Jaguarão, que se ligam à lagoa dos Patos através do Lago Guaíba, com continuidade no canal de São Gonçalo e na Lagoa Mirim e na bacia do rio Uruguai. Com 1.860 quilômetros de vias navegáveis, trata-se de um eixo de fundamental importância para o intercâmbio comercial entre o Brasil e o Uruguai, além de outros países pelo Porto de Rio Grande. (Dnit, 2016). Com a integração com o modal ferroviário e rodoviário, os transportes poderiam ser barateados e ganhar uma escala ainda maior. O Rio Jacuí ainda proporciona a pesca, em seu leito e de seus afluentes, conforme retrata o artigo a seguir que descreve a situação pesqueira através de pesquisa junto aos pescadores ribeirinhos.

Em relação à quantidade de pescado, os pescadores pescam em média 50 kg mensais, havendo dias em que não pescam nada, em dias normais 2, 3 ou 4 kg e, em dias bons, pescam mais de 10 kg. Cinco pescadores afirmaram capturar montantes acima de 80 ou 100 kg mensais. As espécies mais pescadas correspondem ao pintado (mandi), o jundiá e a traíra, sendo também citadas a piava, o dourado e o lambari como parte das capturas, porém em menor quantidade. Cabe ressaltar que todos os pescadores afirmaram que a quantidade do pescado vem diminuindo constantemente nos últimos anos. A comercialização do pescado se dá de forma direto pelos pescadores. Alguns entregam parte de seu pescado para as bancas de comercialização situadas na beira do rio, de propriedade de intermediários do pescado. Outros vendem seu produto para restaurantes especializados em peixes, situados em Cachoeira do Sul. (KEMEL e CARDOSO, 2007, p. 256).

Outra fonte de possibilidades pouco explorada no município é a cadeia do turismo. A Prefeitura Municipal, há anos, não possui uma secretaria especializada para este fim, bem como apresentava poucas políticas públicas, distintamente do observado em outros municípios, que engendraram uma minuciosa cadeia turística integrada à produção, à indústria e ao poder público. Contudo, o município de Cachoeira do Sul reúne muitos atributos a serem explorados, tais como os pontos turísticos, alguns ilustrados a seguir, que expressam sua rica historicidade. O município apresenta diversas rugosidades, urbanas e rurais, conforme disposto em estudos de Conceição (2018) que poderiam ser valorizadas e criar roteiros turísticos atraentes. Ainda, nas duas margens do Rio Jacuí, haveria a possibilidade de maior aproveitamento com empreendimentos de lazer e gastronomia. Ainda, há a possibilidade de valorização maior dos eventos municipais: a tradicional Vigília

do Canto Gaúcho, a Feira Nacional do Arroz, o Carnaval, a Semana Farroupilha, os rodeios, os congressos profissionais e de classe, dentre outros, todos geradores de renda e empregabilidade. Muitos destes eventos citados, outrora, já atraíram multidões ao município.

Uma importante mudança nas últimas décadas no município de Cachoeira do Sul foi a implantação de instituições públicas de ensino superior, inexistentes até o início do século XXI, sendo uma das razões para a elevada emigração de jovens cachoeirenses. Com a mobilização da população cachoeirense e suas lideranças houve a inauguração da unidade cachoeirense da Universidade do Estado do Rio Grande do Sul. Em Cachoeira do Sul, a instituição oferece os cursos de bacharelado em Administração e Agronomia e pós-graduação em Agricultura e Sustentabilidade e Gestão e Desenvolvimento Rural. Com recursos federais, após longínquas mobilizações da sociedade cachoeirense, enfim houve a conquista de um campus da Universidade Federal de Santa Maria, em 2011. O Campus da UFSM – Cachoeira do Sul iniciou suas atividades com cinco cursos de graduação: Arquitetura e Urbanismo; Engenharia Agrícola; Engenharia Elétrica; Engenharia Mecânica; e Engenharia de Transportes e Logística, totalizando o ingresso semestral de 190 alunos.

No segmento agroflorestal, em visita técnica com estudantes da EEEM Virgílio Jayme Zinn, conheceu-se a empresa agroindustrial Divinut Indústria de Nozes Ltda, surgida em 2000, no ramo alimentício na produção de nozes-pecã, de propriedade do casal Marúcia e Edson Ortiz, ocupando à margem da BR-153 uma área de 31.500m<sup>2</sup> (sendo 1.500m<sup>2</sup> de área construída para a indústria e 30.000m<sup>2</sup> para o pomar de nogueiras-pecã, estufas para a produção de mudas e, também, para o sistema de irrigação). A empresa criou um sistema que forma parcerias com produtores de nozes-pecã – tanto os grandes quanto os pequenos produtores, vendendo mudas e instrumentos e prestando assistência técnica, além da aquisição da produção mediante distintas formas de negociação. Após anos de estudos e adequações da cultura no município, a empresa reunia mais de 400 mil mudas de nogueiras, em todas as fases de crescimento, acomodadas em canteiros sombreados e em estufas com um sistema de fertirrigação e adubação foliar. Em 2018 já ultrapassava a marca dos 2.000 pomares que cresceram e começaram a frutificar, apontando um cenário com abundância de nozes para serem descascadas e processadas para atender, inicialmente, o mercado interno e, na sequência, o mercado internacional, com demandas que ainda não podem ser atendidas com o volume atual de produção, que são assimiladas especialmente

na indústria alimentícia, de cosméticos e beleza. Neste segmento, destacavam-se ainda no município as empresas Pecanita e Paralelo 30°, ambas de produção agroindustrial de noz-pecã.

No município ainda prosperava a produção de oliveiras para a extração do azeite de oliva. Uma das empresas rurais, a Olivas do Sul Agroindústria Ltda., iniciou suas atividades em 2006 na cidade de Cachoeira do Sul, com a implementação de um pomar de 12 hectares com mudas importadas da Espanha. Inseriu no mercado o primeiro azeite de oliva extra virgem produzido em escala comercial no Brasil. Além da produção própria, a empresa ainda consorciava-se com produtores rurais, com venda de mudas, assistência técnica e aquisição da produção. Ainda mais impressionante era a experiência congregadora de diversas atividades na empresa rural Bosque Olivos, uma agroindústria de propriedade do advogado Tales Altoé. O modelo de negócio apresentado visava os agricultores familiares e uma ampla utilização sustentável da propriedade rural, a partir da produção de oliveiras para extração do azeite, agregando ainda a fruticultura, a ovinocultura, a piscicultura, o turismo rural, produção de biofertilizantes e bioinseticidas, produção de lenha, onde se destacava um conceito fundamental: a sustentabilidade. A propriedade fez um alto investimento no planejamento e construção dos tanques para criação de peixes, iniciando num sistema de curvas de nível para racionalizar a captação do maior potencial das chuvas, com o direcionamento ao início da sequência dos tanques, viabilizando assim uma renovação da água existente e invertendo um caimento normal já existente quando da compra da área do Bosque Olivos. Ato contínuo foi feito o plantio de uma grande quantidade de árvores nativas, no sentido de restabelecer, reforçar e proteger as duas vertentes existentes na propriedade. Com a experiência de 17 anos, definiu um sistema de produção de oliveiras/ovinos/peixes, também sob a necessária perspectiva da rentabilidade ao produtor.

Outra experiência que apresentava nova perspectiva ao município era a implantação de uma planta industrial da empresa de Bento Gonçalves, a Todeschini. O Grupo Todeschini, com a obra de construção da Pamplac Indústria de Painéis, investiu cerca de R\$ 101 milhões, a partir do final de 2018, para beneficiamento de toras de pinus e previa atuar na produção de madeira serrada e pellets, que devia gerar cerca de 90 empregos diretos e mais 200 na operação florestal já existente. A capacidade produtiva mensal prevista do empreendimento era de 16 mil ton/mês de toras, desdobradas em 8 mil

m<sup>3</sup>/mês de tábuas de variadas medidas e 2,6 mil ton/mês de pellets tipo A1 (biocombustível sólido).

No segmento de carnes, originada em 2015, na localidade de Rincão dos Kiefer, a indústria de embutidos de propriedade de João Tallowitz, iniciou suas atividades produzindo 200 kg de linguiça por semana. Com o tempo, quintuplicou a produção e teve a necessidade de contratar mais dois funcionários, além dos técnicos agrícolas e de produção que lhe dão assistência. A empresa funcionava em um prédio de 80 m<sup>2</sup> e o empreendedor já avaliava a necessidade de ampliações imediatas e a contratação de mais funcionários. Os produtos Tallowitz eram comercializados em mais de 80 pontos, incluindo redes de supermercados e açougues da região. O diferencial da linguiça Tallowitz, segundo o proprietário, seria a excelência na qualidade, especialmente em épocas de inúmeras denúncias e comprovações de adulterações de carnes e embutidos, mesmo que a um preço superior, trabalhando apenas com carnes nobres – pernil suíno, peito de frango e bacon, de grandes frigoríficos legalizados do estado. Durante a visita técnica com estudantes de ensino médio da EEEM Virgílio Jayme Zinn, João Tallowitz apresentou as dificuldades encontradas no início do negócio e as atuais. Uma delas seria a burocracia e o tempo largo para a autorização de funcionamento. Um dos benefícios do modelo agroexportador é a necessidade de armazenagem temporária dos cereais, que gera uma demanda pela fabricação de silos e armazéns. Um dos expoentes de destaque é a Indústria Horbach e Cia Ltda. A empresa surgiu promovendo a conexão entre o setor primário e a indústria, com soluções em tecnologia e armazenagem de grãos, fundada por Reinvin Horbach, lançando em 1969 um novo produto: a plantadeira-adubadeira, comercializada até a década de 90, quando foi iniciada a produção e comercialização de estruturas e pavilhões metálicos, além do destaque da empresa: o silo armazenador, indicado para armazenagem de grãos a granel. Em 2018, a empresa contava com mais de 200 empregados que produzia e comercializava, além dos silos armazenadores, secadores de cereais, estruturas metálicas, pavilhões, betoneiras e carrinhos-de-mão.

Com o acelerado desenvolvimento tecnológico experimentado no início do século XXI, um segmento que se desenvolveu consideravelmente foi a comunicação. Contudo, este foi privatizado e desnacionalizado substancialmente por políticas neoliberais vorazes à economia nacional. No entanto, corajosamente, surgiu no município de Cachoeira do Sul a CST Provedor de Internet, que vinha enfrentando esta dinâmica e enraizou-se com o

serviço de oferta de internet por rádio e por fibra ótica, concorrendo com grandes corporações estrangeiras, apesar do desestímulo governamental. Estabelecida há quase nove anos, estendendo-se há dois anos pela região da Quarta Colônia, empregava, em 2018, 52 funcionários, que, além de prover internet ainda ofertava outros serviços como instalação de rede interna e venda de equipamentos. Quando questionada sobre a concorrência transnacional, a empresa cachoeirense ratifica que existia uma carência no mercado de internet de qualidade, deixando a desejar o anseio da comunidade e a insatisfação era demonstrada através de pesquisas locais, o que estimulou a empreender nessa área, dada a área de conhecimento e afinidade do diretor. A empresa mantinha o seu crescimento enfrentando as transnacionais diferenciando os seus serviços e explorando os pontos fracos das mesmas. Os impostos eram caros, a maioria dos equipamentos importados, caros e sem nenhum incentivo. O governo local também não incentivava empresas locais e ainda permitia que outras empresas multinacionais que não geram empregos e nem impostos se estabeleçam no município, fazendo com que haja uma concorrência desleal. Havia dois pesos e duas medidas. O governo, para as grandes operadoras, convertia multas em investimentos. Duas das maiores associações dos provedores regionais do Brasil já estavam com ações buscando benefícios semelhantes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para Moreira (1982) a Geografia serve para desvendar as máscaras sociais. A apropriação do espaço pelo capital, disposta por Moreira, é impulsionada sobremaneira com o advento do neoliberalismo. Os dados e fatos apurados, contraditados nesse estudo, não pretendem apresentar uma conclusão para a questão do desenvolvimento de Cachoeira do Sul e de municípios assemelhados, mas refletir caminhos e certos discursos que mascaravam a realidade atual. Realidade essa uniformemente vinculada às dinâmicas regional, nacional e internacional. Ao percebê-las, distintamente agem os diversos segmentos envolvidos no enfrentamento dos problemas que se apresentavam. Os caminhos para o desenvolvimento de Cachoeira do Sul, inevitavelmente, são resultado das múltiplas determinações da totalidade, tal como seus descaminhos.

No espaço geográfico brasileiro perduram e intensificam-se as políticas liberais, concentrando riqueza, segregando multidões, ampliando a presença de capital estrangeiro



no país, o que alimenta a dependência nacional através da desindustrialização, privatização e desnacionalização das empresas nacionais. Em 2018, o lucro líquido dos três maiores bancos privados que atuam no Brasil – Itaú Unibanco, Bradesco e Santander, somou cerca de 56 bilhões de reais, em plena crise que contava com cerca de 13 milhões de brasileiros desempregados (IBGE, 2017), sob um salário mínimo aos empregados de R\$ 998,00. Como ressaltara Oliveira (1982), o Estado detém a força para a solução dos diversos problemas estruturais e sociais do Brasil, contudo é apropriado pela hegemonia do capital.

A produção de dois dos principais produtos de nossa balança comercial, primários, a soja e o minério de ferro, exige reconsiderações. Especialmente a soja, cultivada em larga escala em Cachoeira do Sul, apresenta baixo compromisso de soberania e atendimento dos interesses nacionais, extraíndo à exaustão os recursos naturais, sem cuidados devidos. Gera poucos empregos, apresenta cadeia produtiva estrangeira sem agregar valor no país, promove danos ao ambiente como a extensão da fronteira agrícola sobre os biomas naturais. Tudo isso sem gerar sequer a tributação devida, com a isenção da Lei Kandir. Este mecanismo de desoneração cria uma grande acumulação de capital da cultura da soja, numa lógica que esse capital não repercute no desenvolvimento das populações dos municípios sojicultores, concentrando-se em poucos latifundiários que conseguem pagar os pacotes estrangeiros de produção e, sobretudo, nas multinacionais que detém a parte mais lucrativa do processo e remetem para o estrangeiro seus lucros.

Assim, a desoneração de impostos gerada pela Lei Kandir é um fator de concentração de renda, pois, nominalmente, o PIB cresce, mas não se distribui; assim, gera a segregação social ao não se dividir e agregar valor, sendo entrave da geração de outras fontes de renda. Ainda, há a isenção de INSS para os exportadores. O incentivo às empresas custa R\$ 7 bilhões aos cofres públicos por ano. Essas reconsiderações não exigem desprezo pela extração de minério e a produção de soja, desde que mediadas pela previsão de impactos, em premissas soberanas, de equidade social e de sustentabilidade.

Os agentes públicos municipais, regionais e federais, juntamente com a população, devem refletir os efeitos das políticas de desenvolvimento em curso no município de Cachoeira do Sul. Há intrigantes indicadores sociais que devem sublinhar preocupações. A mera aceitação dos discursos hegemônicos e seus interesses não têm promovido as melhores condições de vida das pessoas. Daí a necessária comparação histórica e com outras realidades para evitar a naturalização das mazelas. Mostrou-se historicamente que o

município fora pujante sob outros paradigmas de desenvolvimento, endógenos, dinamizados pelo projeto de desenvolvimento nacional do século XX, a partir da rizicultura e sua potencialização integradora.

O abandono desta concepção gerou o enfraquecimento da economia do município e diversos sintomas como a falência de empresas industriais, o elevado desemprego, o aumento da vulnerabilidade social, a perda de arrecadação tributária e a limitação do poder público em atender a população, a fragilidade desenvolvimentista, a perda de representatividade e órgãos públicos, a concentração fundiária, o êxodo rural, a retração produtiva de diversas culturas de alimentos e do consumo básico, a dependência externa, a incapacidade da geração de políticas públicas, desperdício do dinheiro público, o aumento dos danos ao meio ambiente e à saúde humana.

Esse conjunto de fatores, por extensão, impacta na decisão dos cachoeirenses em permanecer no município. Desamparados ou despossuídos, jovens, trabalhadores e famílias inteiras, têm migrado substancialmente, buscando melhores perspectivas de condições de vida, provocando a fuga de mão de obra e de cérebros, aumentando a desesperança de desenvolvimento. Ao mesmo tempo, a mentalidade oligárquica, por vezes hegemônica, apropria-se dos possíveis espaços e instrumentos de transformação social para naturalizar essa condição e perpetuar seu domínio a despeito dos interesses da maioria da população.

Dialeticamente, de outra parte, apesar de diversos retrocessos e limitações, abrem-se novas perspectivas que podem dar ao município novos e melhores tempos, se não forem obstaculizadas. Seguramente, a principal delas é a criação do polo educacional de ensino superior que, além de manter emigrantes, gerar emprego e renda, ciência e tecnologia, substancialmente pode interferir na mentalidade hegemônica da oligarquia local, promovendo a reflexão sobre novos caminhos de desenvolvimento. Além disso, pode impulsionar os corajosos empreendimentos que resistem à dinâmica atual, encadeando-os a um novo signo de construção regional de projetos de pesquisa e desenvolvimento, potencializando-os e inspirando a criação de novos arranjos produtivos. A mera reflexão servirá para questionar os descaminhos ilustrados nesse trabalho.

O município de Cachoeira do Sul apresenta diversas virtudes para o seu desenvolvimento pleno: uma gente criativa e trabalhadora, recursos naturais em abundância, uma historicidade de desenvolvimento a se referenciar. Com vontade política e mobilização social é possível construir novos caminhos aproveitando esse potencial para

efetivar políticas públicas inclusivas, geradoras de emprego e renda ao máximo de pessoas, com sustentabilidade. Nesse estudo, que ilustra a realidade de muitos outros municípios do estado e do país, são várias as experiências discutidas, vistas e visitadas, que alimentam a esperança de um caminho de desenvolvimento pleno.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUDITORIA CIDADÃ DA DÍVIDA. **Orçamento federal de 2018 executado**. Brasília: 2018. Disponível em [www.auditoriacidada.org.br](http://www.auditoriacidada.org.br) em 15/01/2019.

BRASIL. Ministério do Trabalho. **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados**. Brasília, 2018. Disponível em <<http://trabalho.gov.br/>> Acessado em 21/04/2018.

\_\_\_\_\_. **Constituição (1988)**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

BRESSER-PEREIRA, Luis Carlos. **O conceito de desenvolvimento do ISEB rediscutido**. Rio de Janeiro: UERJ - Dados - Revista de Ciências Sociais [en línea] 2004, 47. Disponível em 19/11/2017

BRUM, Argemiro Jacob. **Modernização da agricultura (trigo e soja)**. Petrópolis: Vozes, 1988.

CAIDEN, G. E. e CARAVANTES, G. R. **Reconsideração do conceito de desenvolvimento**. Caxias do Sul: [s.n.], 1985.

CONCEIÇÃO, Lisane Regina Vidal. **Marcas espaciais do tempo histórico: as rugosidades da paisagem rural de Cachoeira do Sul/RS**. Santa Maria: UFSM, 2018.

DENIZ, F. **Crescimento e desenvolvimento econômico: modelos e agentes do processo**. Lisboa, PT: Editora Sílabo, 2006.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE INFRAESTRUTURA DE TRANSPORTES.

**Hidrovia do Mercosul**. Brasília, 2016. Disponível em

<http://www.dnit.gov.br/hidrovias/hidrovias-interiores/hidrovia-do-mercosul/hidrovia-do-mercosul> em 15/01/2019.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. **Participação do PIB e do Valor Adicionado Bruto por atividade nas mesorregiões do RS em % – 2010/2013**. Porto Alegre, 2014. Disponível em <<http://carta.fee.tche.br/article/participacao-das-mesorregioes-gauchas-no-pib-do-rs-entre-2010-e-2013/>>. Acessado em 21/04/2018.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

- \_\_\_\_\_. **Desenvolvimento e subdesenvolvimento.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.
- GOVERNO DO ESTADO DO RS. SECRETARIA DA FAZENDA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **ICMS - Transferências aos Municípios - Repasses – 2017.** Porto Alegre, 2017. Disponível em [https://www.sefaz.rs.gov.br/Site/MontaMenu.aspx?MenuAlias=m\\_repasses\\_mun\\_icms\\_2017](https://www.sefaz.rs.gov.br/Site/MontaMenu.aspx?MenuAlias=m_repasses_mun_icms_2017) em 15/01/2019.
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna.** São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- HERRLEIN JÚNIOR, Ronaldo. **Desenvolvimento industrial e mercado de trabalho no Rio Grande do Sul: 1920-1950.** Revista de Sociologia e Política, Curitiba: UFPR, n.14,2000.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Características urbanísticas do entorno dos domicílios.** Rio de Janeiro: IBGE, Censo demográfico 2010, p.1-175, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Censo Agropecuário.** Rio de Janeiro, 2017. Disponível em <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuario/censo-agropecuario-2017> em 15/01/2019.
- \_\_\_\_\_. **Desemprego volta a crescer com 13,1 milhões de pessoas em busca de ocupação.** Rio de Janeiro: 2017. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20674-desemprego-volta-a-crescer-com-13-1-milhoes-de-pessoas-em-busca-de-ocupacao> em 15/01/2019.
- \_\_\_\_\_. **Cidades.** Rio de Janeiro, 2018. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/cachoeira-do-sul/panorama>.> Acessado em 18/05/2018.
- \_\_\_\_\_. **Cachoeira do Sul.** Rio de Janeiro, 1956. Disponível em [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/113/col\\_mono\\_n112\\_cachoeiradosul.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/113/col_mono_n112_cachoeiradosul.pdf). Acessado em 15/01/2019.
- \_\_\_\_\_. **Produto Interno Bruto dos Municípios.** Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9088-produto-interno-bruto-dos-municipios.html?t=pi-b-por-municipio&c=4303004>, acessado em 15/06/2019.

- KEMEL, Samir Bitencourt e CARDOSO, Eduardo Schiavone. **A atividade pesqueira em Cachoeira do Sul – RS**. Porto Alegre: Boletim Gaúcho de Geografia, 33: 253-262, dez., 2007. Versão online disponível em: <http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37438/24183>
- LIST, Friedrich. **The National System of Political Economy**. London: Longmans, Green, and Company, 1885.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Obras escogidas**. Moscou: Editorial Progresso, 1986.
- MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_. (Org) **Geografia teoria e crítica – O saber posto em questão**. 1ª Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1982.
- MÜLLER, Carlos Alves. **A História econômica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Gazeta Mercantil, 1998.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A mundialização da agricultura brasileira**. São Paulo: Iände Editorial, 2016.
- OLIVEIRA, Francisco de. **O Estado e o Urbano**. In: Revista de Estudos Regionais e Urbanos Espaço e Debates. Ano II, n. 06. São Paulo: Cortez, 1982.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em <https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=por>, acessado em 15/06/2019.
- PESAVENTO, Sandra J. **Da frustração histórica do Rio Grande**. In: FISHER, Luiz Augusto, GONZAGA, Sergius, (org.). Nós, os gaúchos. Porto Alegre: L&PM, 1992.
- \_\_\_\_\_. **RS: a economia e o poder nos anos 30**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- \_\_\_\_\_. **RS: agropecuária colonial e industrialização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- POCHMANN, Marcio. **Processo hiperinflacionário e reacomodação distributiva no Brasil nos anos 80**. Porto Alegre: FEE, 1991.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE CACHOEIRA DO SUL. **A cidade de Cachoeira do Sul**. Cachoeira do Sul, 2018. Disponível em <<http://cachoeiradosul.rs.gov.br/a-cidade/>>. Acessado em 18/05/2018.
- \_\_\_\_\_. SECRETARIA DE INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE CACHOEIRA DO SUL. **PIB cachoeirense cresce 45% em uma década**. Cachoeira do Sul, 2019.

Disponível em <https://www.cachoeiradosul.rs.gov.br/portal/noticias/0/3/3163/PIB-cachoeirense-cresce-45-em-uma-decada> em 15/01/2019.

RITZEL, Mirian. **Série Empreendedores do Passado: Otto Mernak**. Disponível em <http://historiadecachoeiradosul.blogspot.com/search?updated-max=2018-01-21T22:27:00-02:00&max-results=3&start=15&by-date=false> em 16/11/2018.

ROHDE, Geraldo Mario. **Cachoeira do Sul - uma perspectiva ambiental**. Canoas: Ed. ULBRA, 1998.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. São Paulo: Record, 2009.

\_\_\_\_\_. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Edusp, 2014.

SCHMIDT, Carlos e HERRLEIN JR, Ronaldo. **Notas sobre o desenvolvimento do Rio Grande do Sul: trajetória histórica e os projetos contemporâneos**. Ensaio FEE, Porto Alegre, v. 23, nº1, p. 255-284, 2002.

SELBACH, Jeferson Francisco. **Espaço urbano central elitista de Cachoeira do Sul (RS): a invasão dos *outsiders* nos anos 1930-1940**. História Unisinos Volume 14 nº 2, p. 177-187, Maio/Agosto 2010.

SINGER, Paul. **Aprender economia**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações**. Nova Iorque: Random House, 1937.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Minha vida no Rio Grande**. In: FISHER, Luiz Augusto, GONZAGA, Sergius (org.). Nós, os gaúchos. Porto Alegre: L&PM, 1992.

SOUZA, Nilson Araújo de. **O colapso do neoliberalismo**. São Paulo: Global Editora, 1995.

Submetido em: Julho de 2019

Aceito em: Setembro